



FATOS & FOTOS / SÃO PAULO

NO FESTIVAL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA O JÚRI E O PÚBLICO EMPATAM EM SUAS PREFERÊNCIAS.

A NOVA BOSSA DA CONQUISTA

Os guardas escalados para manter a ordem no Teatro Record esqueceram as instruções, e cantavam: "Eu estava à toa na vida, meu amor me chamou pra ver a banda passar cantando coisas de amor..." Os porteiros, em vez de fiscalizar as portas, cantavam: "A môça feia debruçou na janela, pensando que a banda tocava pra ela..." A mulher de Geraldo Vandré saiu correndo e telegrafou ao marido, que cumpria um compromisso em Natal: "Querido, você venceu empatado com Chico Buarque. Beijos." A multidão que pudera entrar para ver a finalíssima do II Festival da Música Popular Brasileira, em São Paulo, cantava em côro A Banda. A multidão, maior e menos feliz, que não pudera entrar, exibia cartazes, lá fora: "Não conseguimos entrada, melhor é Disparada." Ambas venceram, fora e dentro.

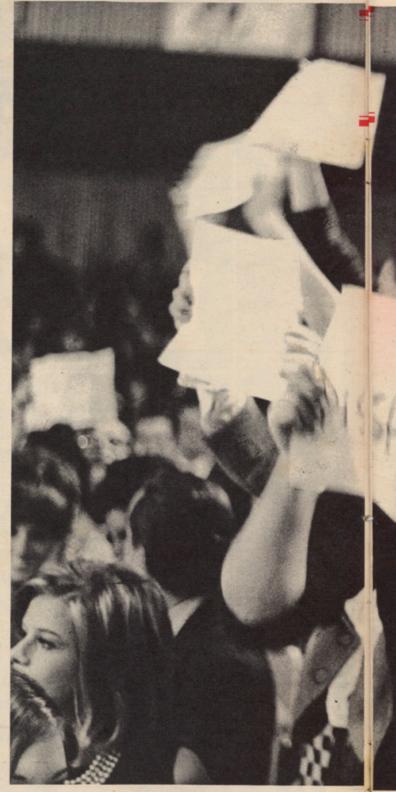
Texto de WALTER NEGRÃO ● Fotos de SÉRGIO JORGE e JOSÉ CASTRO

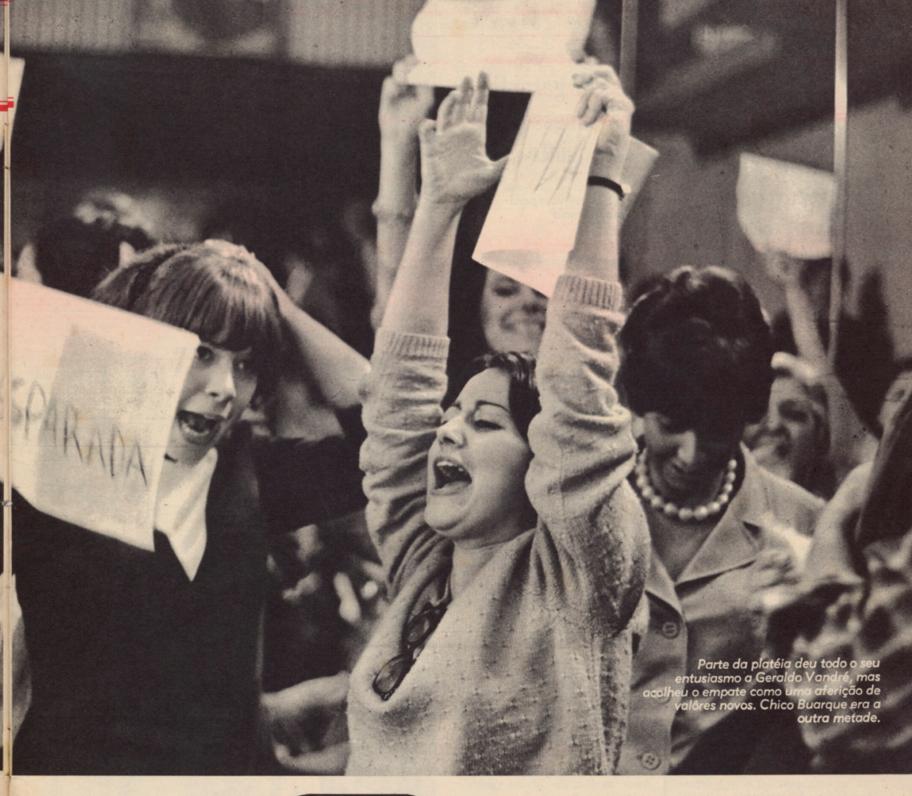


A NOVA BOSSA DA CONQUISTA



Jair mandou brasa de primeira e terceira, disparando em Canção para Maria.





Música para o povo empatou com o gôsto do povo: aprovada





Durante quinze dias, a opinião pública e o júri se mantinham indecisos na seleção das cinco músicas melhores, no Festival por todos considerado o mais impor-tante realizado até aqui. As mesmas pessoas que, em pé, aplau-diam Disparada, de Geraldo Van-dré e Teo, novamente se levantadré e Teo, novamente se levanta-vam para aplaudir A Banda, de Chico Buarque de Holanda, e aos pés dêste choviam rosas atiradas pelas môças da platéia. Houve tempo para a organização das tor-cidas, e o que poderia ter sido uma festa anônima virou a consagração da música popular brasileira grada música popular brasileira, gra-ças à participação direta do povo, defendendo suas preferências. A torcida foi tanta, e tamanha a sua influência, que os próprios artistas rezavam por um empate. A fôrça de palmas, uniram-se intérpretes e intérpretes, compositores e compo-



O público jovem entendeu logo quem foi que venceu: a boa música

sitores, eliminando-se o caráter de disputa. Antes do final, todos festejavam, já se havendo tornado secundário o nome dos vencedores.
"Importante — dizia Solano Ribeiro, principal produtor do Festival — era mexer nos nervos do povo e devolver a êle a sua múpovo e devolver a ele a sua musica. Isto já conseguimos, seja qual fôr a classificação dos concorrentes. Quem duvidar, passe os olhos aí na platéia e nessa gente que ficou na rua. Nem o ié-ié conseguiu reação tão grande."

As três da tarde, no dia da finalíssima, os jurados tinham outro resultado: A Banda em primeiro e Disparada em segundo. Houve uma reunião no restaurante Vila Rica, no Ibirapuera, para que os votantes discutissem suas decisões. Mas, na hora da festa, precisaram render-se ao empate impôsto pelo público. O prêmio principal, de

Cr\$ 20 milhões, de repente se ampliou para Cr\$ 30 milhões, ficando a metade para cada música. Também se fará nôvo troféu Viola de Ouro, ficando com Jair Rodri-gues a Viola de Prata: êle foi o melhor intérprete. O que fêz Elis Regina chorar de alegria, igual a Maria Odete, que é noiva de Teo, co-autor de Disparada. Quanto ao próprio Jair, quase não pôde de-fender a moda de viola de Vandré e Teo. Quando o chamaram, es-tava sem fôlego, pois acabara de plantar bananeiras nos bastidores do teatro. A reação de Nara foi diferente. Ela entrou contendo o nervosismo e precisou de alguns se-gundos até o público comentar seu traje, a roupa prateada que ela de-clarou ser "a última das modas: trata-se de um modêlo para mu-lher espacial".

SEGUE

A NOVA BOSSA DA CONQUISTA



A boa briga das bossas garantiu grandes sucessos do 1.º ao quinto

Assobio deixou de ser vaia para servir de ponto de apoio ao entusiasmo.

Há dois anos, Chico Buarque de Holanda apareceu na tevê pela primeira vez, levado por Elis Regina ao programa Primeira Audição, que gerou O Fino da Bossa. O menino de vinte anos e nome importante aparecia no palco da TV Record para mostrar a música Marcha para um Dia sem Sol, que logo ganhou o apelido de João XXIII, por ter sido composta numa aula de Religião do Colégio Santa Cruz, em São Paulo. Faz mais tempo que Vandré vem experimentando coisas na música popular. Com 34 anos, descobre agora que Disparada é sua obra mais importante. "Ela representa a cultura de mais da metade do povo brasileiro. Nesta moda de viola, encontrei o caminho exato para falar direto com quem quero falar: o povo." Gosta de trabalhar sòzinho, mas preferiu a parceria de Teo, violonista considerado, em Disparada.

Faz dois meses e meio que Nara gravou A Banda. Ninguém pensava nos milhões do Festival e, quando lembraram que a música poderia ter vez, foi preciso pedir à gravadora que não soltasse o disco. Ela estava feliz por haver cantado a música de Chico Buarque, autor que, segundo Nara, põe em suas composições o ingrediente que faltava à bossa nova: o ingre-

diente da pureza, que faz todo mundo cantar junto. "E não há nada melhor para a gente do que ver o público cantando a música que a gente canta." Para Gilberto Gil, autor de Ensaio Geral (quinta colocação), "podemos dizer que aqui aconteceu a síntese de tôdas as tendências da nossa música popular: reunião do morro, das formas regionais, do Norte e do asfalto de Copacabana". Denis Brean, compositor e membro do júri, acha que o Festival quebrou o tabu das músicas difíceis, das letras que precisam de bula para serem compreendidas. Quarto colo-cado, com Canção de não Cantar, Sérgio Bittencourt, filho de Jacó do Bandolim e crítico musical no Rio, afirmou: "Tem gente fazendo música séria, e essa gente está sendo prestigiada pelas realizações como esta. Quem defendeu Ensaio Geral (Cr\$ 2 milhões de prêmio) foi Elis Regina. O conjunto MPB-4 se encarregou de Canção de não Cantar: quarta colocação e Cr\$ 3 milhões de prêmio. Os milhões destinados à terceira colo-cada ficaram com Canção para Maria, de Paulinho Viola e Capi-nam, com defesa de Jair Rodri-gues. Elza Soares garantiu Cr\$ 10 milhões e segundo lugar para De Amor ou Paz, de Adauto Santos e Luís Carlos Paraná.



Roberto
Carlos, cuja
tese é "um
cantor depende do seu
repertório",
não teve uma
grande fôrça
para defender no Festival, mas perdeu com
classe.



Sucesso tão grande quanto o da sua interpretação obteve o vestido



prateado espacial de Nara Leão.



Com os temas da paz e do amor, por Adauto Santos e Luís Carlos Paraná, Elza Soares foi 2.ª.



A Canção de não Cantar, de Sérgio Bittencourt, foi muito bem cantada pelo MPB-4. Bom terceiro.



Gilberto Gil teve em Elis Regina uma garantia de sucesso. Porém, quinto lugar foi o resultado.



O PONTO
DE
VISTA
DE
CARLINHOS
OLIVEIRA



CHICO BUARQUE

CHICO Buarque de Holanda, olhos verdes, cara de menino paulista deslumbrado com as belezas naturais do Rio de Janeiro. Provinciano no melhor sentido da palavra, por ser da grande cidade constelada de japões, itálias, europas e bahias. Bom bebedor de cerveja. Compositor: Pedro Pedreiro, Olé Olá, Meu Refrão, Morte e Vida Severina (sôbre a peça-poema de João Cabral de Melo Neto).

Povo sabe o que quer. Dêem ao homem do povo um pedacinho de papel e uma caneta-tinteiro, e êle escreverá xis no lugar certo, elegendo o homem certo. Dêem-lhe a música certa e êle a cantará, assoviará, dançará. Muitos dizem: "O ié-ié está matando a nossa música popular." Reclamam: "O verdadeiro samba, a verdadeira canção brasileira está sofrendo uma concorrência desleal. Roberto Carlos deve ser combatido." Só se esquecem de algumas evidências:

- 1. A bossa nova floresceu e se impôs lado a lado com a esmagadora concorrência do chá-chá-chá e do twist. O chá-chá-chá é bom? Então vamos lá. O twist é bom? Então vamos lá. A bossa nova é boa? Então, que venha a bossa nova. Não posso imaginar nada mais monótono do que uma vitrola tocando exclusivamente sambas, ainda que magistrais.
- 2. A canção de Roberto Carlos, ingênua e bem-humorada, entrou em nossas casas por intermédio das crianças. É como o trenzinho elétrico, que o filho pede ao pai, o pai compra para o filho e depois o pai é que fica brincando com êle. No carnaval, essa canção foi adotada coletivamente pelo povo, que passou quatro dias cantando E Que Tudo o Mais Vá Para o Inferno. Nada mais de acôrdo com a tradição brasileira, pois em todos os carnavais os novos ritmos fazem su-

cesso juntamente com os sambas, marchinhas e ranchos. (Não é preciso ter mais de 30 anos para recordar a folia em que a música mais cantada foi uma valsinha adaptada para a ocasião.)

3. No momento mesmo em que Roberto Carlos se afirmava vertiginosamente, Narinha Leão localizava em São Paulo êsse Chico Buarque de Holanda, cujo único defeito, em minha opinião, é ter olhos verdes. E logo as canções de Chico ficaram em pé de igualdade com as de Roberto, Erasmo e outros Carlos. O povo, do qual as criancinhas fazem parte, sabe sempre o que quer.

T IVEMOS agora o Festival da Canção. As eliminatórias e a noite da consagração foram televisionadas, coisa que me apanhou desprevenido, pois há quatro anos renunciei ao meu aparelho de TV, em circunstâncias aliás bastante dramáticas. Eu estava coçando o dedão do pé, com o aparelho ligado à minha frente, quando reparei que estávamos, eu e a televisão, um diante do outro, olhando um para o outro feito bobocas. Na televisão estava escrito:

DENTRO de alguns minutos, anunciaremos a nossa próxima atração.

PEGUEI um relógio e marquei o tempo. Conclusão: desperdicei cinco minutos da minha preciosa existência contemplando no vídeo aquelas palavras, que não têm qualquer sentido. Revoltei-me. Apanhei um estôjo, tirei de dentro dêle o meu Smith & Wesson e desfechei cinco tiros na máquina, tornando-me assim um dos dois únicos brasileiros (o outro é Otto Lara Resende) que se podem vangloriar de possuir em casa um aparelho de televisão permanentemente enguiçado.

D E modo que me senti um tanto por fora, ouvindo tanta gente se referir com entusiasmo ao Festival da Canção, inclusive tomando partido — uns achando que o 1.º prêmio iria para Chico Buarque, outros dizendo que o vencedor seria Geraldo Vandré. (Os dois acabaram empatados em primeiro lugar.) Vi também nos jornais as reportagens descrevendo o delírio da multidão no auditório. Depois liguei o rádio e estavam tocando A Banda, de Chico Buarque de Holanda, creio que na interpretação do MPB-4.

Q UE beleza! A bandinha vai passando e despertando curiosidades e nostalgias. É o óbvio ululante, só me parecendo comparável àquele momento em que Vinicius de Morais, talvez depois de beber mais uísque do que o comum dos mortais, tivera a luminosa idéia de transformar Johann Sebastian Bach em compositor de marcha-rancho, escrevendo para êle uns versinhos lindos de inocência. Reconheço que Chico Buarque é muito môço e que o sucesso pode lhe subir à cabeça, conforme advertiu um excelente cronista da orla marítima. Mas êsse mesmo cronista, Sérgio Pôrto, tem recebido elogios às pampas, e não me consta que tenha deixado por isso de ser um bamba de talento e modéstia.

A Banda tem a atmosfera dos filmes de Federico Fellini. Tudo nela é alegria, circo, sensualidade, mas isso repassado de uma tristeza inexplicável. Dir-se-ia que aquela bandinha já passou há muitos e muitos anos...

Parabéns calorosos a Chico Buarque de Holanda. Mas uma coisa continua me amolando: porque diabo êsse rapaz, além de tudo, ainda se dá ao luxo de ter olhos verdes? Assim também já é demais!